

**FACULDADE SABERES
LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS**

Janis Camargo Helmer

**UM RESGATE DO FOLCLORE NACIONAL ATRAVÉS
DA MÍDIA E DA LITERATURA**

**VITÓRIA
2022**

JANIS CAMARGO HELMER

**UM RESGATE DO FOLCLORE NACIONAL ATRAVÉS
DA MÍDIA E DA LITERATURA**

Monografia apresentada à Faculdade Saberes como requisito parcial para a obtenção da licenciatura plena em Letras Português/Inglês e suas respectivas literaturas.

Orientadora: Profa. Ma. Inês Aguiar dos Santos Neves.

Vitória

2022

JANIS CAMARGO HELMER

**UM RESGATE DO FOLCLORE NACIONAL ATRAVÉS
DA MÍDIA E DA LITERATURA**

NOTA OBTIDA = _____

Monografia apresentada à Faculdade Saberes como requisito parcial para a obtenção da licenciatura plena no curso Letras Português/Inglês e suas respectivas literaturas. Área de concentração: Literatura brasileira contemporânea.

Professor Orientador: Inês Aguiar dos Santos Neves

Aprovada em ____ de _____ de 2022.

Professora Orientadora

Profa. Ma. Inês Aguiar dos Santos Neves.

*“Faça seu próprio caminho e, se o caminho
que você está trilhando não agradá-lo, mude”*

Gustavo Rosseb

AGRADECIMENTOS

É clichê, mas quero agradecer a Deus e à Nossa Senhora, porque se hoje estou concluindo a faculdade e realizando mais um dos meus sonhos, em parte devo isso a eles. Também à minha mãe, Mariana Camargo, pois sem ela nada disso seria possível, e a todos os membros da minha família materna, pois vocês influenciaram na formação da pessoa em que me tornei, e gosto muito do resultado. Parabéns à vocês, por terem a primeira pessoa, mas não a última, graduada na família. A primeira professora. A primeira escritora. Parabéns!

Quero agradecer também ao meu terapeuta, Marcos, que comecei a frequentar no último semestre da faculdade, mas sem o qual o processo pelo qual passei para finalizar este artigo teria sido muito difícil. Aos meus amigos Kaique e Victor, por coisas que só nós sabemos. À minha orientadora Profa. Ma. Inês Aguiar dos Santos Neves, por aceitar me orientar e me acompanhar nesta jornada, me auxiliando maravilhosamente bem, mesmo quando eu mudei de ideia sobre o tema. É uma honra ser sua orientanda e aluna! A Profa. Ma. Aline Moraes de Oliveira e ao Prof. Dr. Thiago Brandão Zardini, por compartilharem sua sabedoria de forma tão fantástica em cada aula.

Ao Prof. Me. David Batista, meu professor do ensino médio e amigo, figura paterna em minha vida, que me mostrou que eu podia ser mais do que eu era capaz de imaginar, que eu poderia chegar até aqui e que Letras sempre foi o curso ideal para mim (ele estava totalmente certo). À Faculdade Saberes, por me receber tão bem e me ajudar tantas vezes neste processo.

Quero também agradecer ao Monteiro Lobato, por ter criado o universo Sítio do Picapau Amarelo, ao qual sempre sonhei em visitar e que faz parte da minha infância. À todos que contribuíram para a criação da série *Cidade Invisível*, por me inspirarem. Ao Gustavo Rosseb, por ter criado *As Aventuras de Tibor Lobato*, que me possibilitou uma das leituras mais prazerosas que já tive, e por ser tão atencioso e prestativo comigo, uma desconhecida, lhe fazendo perguntas para o artigo. Muito obrigada por ser o escritor que você é, e que eu admiro tanto!

Por último, agradeço a mim mesma por ter chegado até aqui. Eu não sabia que eu era capaz disso. Estou curiosa, pois o amanhã é uma aventura nova que finalmente poderei desvendar.

RESUMO

O propósito deste artigo é analisar a relação do folclore brasileiro com a literatura focando no livro *O Oitavo Vilejejo*, de Gustavo Rosseb, explorando o modo como o autor retrata as lendas do folclore brasileiro e o modo como elas são retratadas em outras obras. Pretende-se, além disso, estabelecer algumas relações entre as representações do folclore nacional em diferentes âmbitos e tempos, a fim de perceber a natureza das tentativas de resgate do folclore . Ao final do artigo, há uma proposta de resgate do folclore nas escolas.

Palavras-chave: Folclore brasileiro; lendas; resgate.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to analyze the relationship between Brazilian folklore and literature focusing on the book *O Oitavo Vilarinho* by Gustavo Rosseb, exploring the way the author portrays Brazilian folklore legends and the way how they are portrayed in others works. It also aims at establishing connections among some representations of national folklore in different contexts and times to realize the nature of these attempts of folklore rescuing. At the end of this paper, there is a proposal of folklore rescue for schools.

Key Words: Brazilian folklore; legends, rescue.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - O Saci no seriado O Sítio do Pica-Pau Amarelo.....	21
Figura 2 - O Saci em O Oitavo Vilejejo.....	23
Figura 3 - Cuca e Narizinho.....	26
Figura 4 - A Cuca no seriado O Sítio do Pica-Pau Amarelo.....	27
Figura 5 - A Cuca em Cidade Invisível.....	27
Figura 6 - O Curupira, de Manoel Santiago.....	30
Figura 7 - Curupira Lobatiano.....	31
Figura 8 - O Curupira em Cidade Invisível.....	32

SUMÁRIO

1.	Introdução.....	10
2.	Revisão de literatura.....	13
	2.1. O folclore na literatura.....	13
	2. 2. O folclore e a cultura popular.....	14
3.	O Oitavo Vilarejo e a identidade do folclore brasileiro.....	18
	3.1. Datas.....	18
	3. 2. O Saci.....	19
	3. 3. A Cuca.....	24
	3. 4. O Curupira.....	29
4.	Entrevistando Gustavo Rosseb.....	34
5.	O Oitavo vilarejo na sala de aula: uma proposta.....	38
	5.1. Alternativa A.....	38
	5.2. Alternativa B.....	52
	5. 2. Os trabalhos.....	52
6.	Considerações finais.....	53
7.	Referências.....	54
8.	Apêndices.....	56
	Apêndice A: Marca-página.....	57
	Apêndice B: Ficha de leitura.....	58
	Apêndice C: Ficha de leitura - modelo neutro.....	59
	Apêndice D: Análise do personagem.....	60
	Apêndice E: Relatório final de leitura.....	61

1. INTRODUÇÃO

O folclore brasileiro pode ser visto de dois modos: uma riqueza cultural, ou algo antigo e inútil. Nós, estudiosos, sabemos que ele vai muito além disso. O folclore é amplo, importante e rico. Além disso, nos acompanha de geração em geração, recriando-se a cada uma delas. Não se restringe apenas a personagens de lendas, embora eles sejam mais conhecidos do que outros elementos associados ao folclore. E como tomamos conhecimento de nosso folclore? Estudamos sobre ele na escola, e se formos sortudos, ouvimos histórias de nossos familiares. Mas talvez, uma das formas mais inocentes e saborosas de se conhecer ou ampliar seu conhecimento sobre ele seja através das mídias, quando a única intenção do telespectador é o entretenimento, porém resultando em ser arrebatado e tendo seu interesse despertado. Um exemplo disso é a série *Cidade Invisível*, produzida pela Netflix, que expressa o folclore de maneira extremamente envolvente, atraindo novas e velhas gerações.

E deste mesmo modo inocente que os telespectadores de *Cidade Invisível* são arrebatados, os leitores de Gustavo Rosseb também o são. Em 2017, o autor ganhou o prêmio de “os livros mais vendidos do estande e na XIII bienal do livro Rio”, em 2018 “o autor mais vendido do estande e na 25º bienal internacional do livro de São paulo” e em 2019 “os livros e o autor mais vendido do estande e na XIX Bienal do livro Rio”. O *Oitavo Vilarejo*, o primeiro livro da trilogia *As Aventuras de Tibor Lobato*, nos apresenta os irmãos órfãos Tibor e Satir Lobato, que vão morar com a avó Gailde em seu sítio no interior. Tudo vai bem até o início da quaresma, quando as manifestações folclóricas começam a cruzar o caminho dos nossos heróis. Juntos de seu amigo Rurique, os irmãos Lobato embarcam em diversas aventuras nas quais conhecem personagens do folclore brasileiro, alguns que lhe farão bem, como, por exemplo, o Boitatá, e outros que lhe farão mal, o que torna a maior parte das aventuras perigosas e assustadoras, como o caso dos encontros com o Saci Pererê, a Pisadeira e a Cuca. Apesar de ser classificado como infanto juvenil, *As Aventuras de Tibor Lobato* possui uma escrita que alcança tanto os adultos quanto adolescentes e crianças. É possível notar a construção da identidade

do povo brasileiro e de sua cultura feita por Rosseb ao longo do livro, e é quase impossível não se identificar.

Por isso e por tantos motivos que pretendo estudar nesta monografia, *O Oitavo Vilarejo* (primeiro volume da série) como uma excelente maneira de apresentar o nosso folclore às novas gerações que estão se formando. Para o desenvolvimento da história, Gustavo Rosseb selecionou diversas lendas com as quais os personagens irão se encontrar ao longo da narrativa, desenvolvendo aventuras apavorantes e viciantes, mas que trazem conhecimento para o leitor que até então não conhecia ou não tinha interesse pelo folclore, e nostalgia para aquele que já o conhece. Além do mais, Rosseb homenageia autores clássicos como Monteiro Lobato, através do sobrenome dos personagens, entre outras coisas, e Mário de Andrade, através do Muiraquitã, possibilitando ao professor abordar a intertextualidade entre os autores. Além disso, pode motivar uma formação de leitores, hoje tão necessitada de incentivo, e quando conquistada, geralmente por autores estrangeiros. Eu mesma me apaixonei pelo mundo da leitura através de autores como Rick Riordan, Meg Cabot e J. K. Rowling, o que foi muito bom, mas também é preciso conhecer nossas raízes, e é perfeitamente possível encontrar um meio-termo.

Atualmente há uma grande discussão sobre ler clássicos nacionais na escola, e sobre serem desmotivadores para a formação de novos leitores. Acredito, como ex-aluna e como profissional da educação, que não devemos nos prender aos clássicos, e nem abandoná-los. Precisamos dar atenção aos novos escritores, e ao que eles estão escrevendo. *Boa Noite*, lançado em 2016 pela escritora Pam Gonçalves, trata de forma esplêndida o abuso sexual e o machismo sob um fundo atraente e interessante. Thalita Rebouças explora temas como bullying, abandono paterno e fama instantânea e passageira, entre outros temas críticos. Não devemos fechar os olhos a estes autores nacionais atuais. Acredito que todos podem ser uma ótima forma de ingresso ao universo da leitura. Por isso, defendo a leitura de *As Aventuras de Tibor Lobato* em sala de aula, mas simplesmente dizê-lo é utópico demais. Como o resgate do folclore nacional, através da mídia e da literatura,

impulsiona o repertório popular do indivíduo em formação na atualidade tecnológica é o que tentaremos responder nesta pesquisa.

“Pesquisar, como já visto, é um mergulho no outro, que se faz a partir de teorias estabelecidas - conhecimento produzido no passado, mas que pode ser revisto e atualizado - que, ao mesmo tempo, produzem um novo conhecimento” (ORSOLINI; OLIVEIRA) Nada mais próximo do objeto de estudo de nossa pesquisa, o folclore, que “o outro” e a tradição - fenômeno que se alimenta das fontes passadas e presentes. Sendo assim, para a coleta de dados, utilizaremos a pesquisa bibliográfica de obras, tanto literárias quanto audiovisuais, que retratam as mesmas lendas folclóricas exploradas por Rosseb em *O Oitavo Vilarejo*. A pesquisa também utilizará estudo de caso. Segundo Adversi (2020, p. 17) “O estudo de caso atua como um complemento para o método qualitativo, pois tem como objetivo estudar e analisar profundamente um caso ou um grupo específico, descrevendo de forma detalhada um caso”. Aqui, utilizaremos o estudo de caso para investigar, como já dito antes, as contribuições do folclore na formação de novos leitores, e desenvolveremos uma proposta de como trabalhá-lo em sala de aula, através do livro *O Oitavo Vilarejo*.

No capítulo dois, faremos um levantamento sobre os conceitos de folclore e cultura popular. Já no capítulo três, uma análise sobre a obra *O Oitavo Vilarejo*, buscando identificar aspectos folclóricos contidos no livro. Para tal, utilizarei o método qualitativo. Sobre este método, segundo Oliveira (2011, p. 25) “A preocupação com o processo é muito maior que com o produto. O interesse do pesquisador ao estudar um determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas.” O leitor encontrará uma comparação entre as expressões artísticas livro e série televisiva buscando as relações entre elas bem como o nível de alcance de ambas. No capítulo quatro, transcrevi a entrevista que fiz com o autor, Gustavo Rosseb. E por fim, no capítulo cinco, uma proposta de resgate do folclore brasileiro com base na leitura de *O Oitavo Vilarejo*.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo, irei abordar o folclore na literatura e nas mídias, seguido pelos conceitos de folclore e cultura popular, frequentemente associados.

2. 1. O folclore na literatura

Segundo Benjamin (2011) a palavra folclore possui raízes saxônicas e originou-se do neologismo *folk* (povo) e *lore* (saber), e significaria sabedoria do povo. É um conjunto de tradições que compreende lendas, danças, brincadeiras, cantigas, entre outras coisas, que transmite a identidade de um povo.

Folclore é uma das mais amplas áreas da Ciência do Homem. Um dos ramos da antropologia cultural, tão importante quanto a etnografia ou a lingüística. Liga-se ele diretamente à sociologia; tem relações estreitas com a história, a geografia, a psicologia, a medicina, a literatura e com outras ciências e outras artes. Daí ser o folclore uma coisa séria, digna, sem dúvida, de melhor atenção e de melhor respeito. (SANTOS NEVES, 2008)

O folclore está ligado a diversas áreas de estudo, o que torna extremamente relevante para a formação do ser humano, mesmo que muitos de nós tenham dificuldade em defini-lo. Se você pedir a uma pessoa que diga a primeira palavra que lhe vier à mente ao pensar em folclore brasileiro, salvo raras exceções, é bem provável que ela cite o nome de personagens de lendas tais quais a Mula Sem-Cabeça, o Saci e o Curupira. Isso se deve ao fato de que muitas pessoas tiveram seu principal contato com o folclore brasileiro através da série Sítio do Picapau Amarelo, exibido na emissora Rede Globo pela primeira vez no ano de 1977 e pela última vez em 2007. Ele ainda é exibido no canal Viva, um canal de tevê por assinatura. O seriado, que marcou culturalmente a infância de muitos, é uma adaptação dos livros de Monteiro Lobato, e mesmo não sendo mais exibido pela emissora Rede Globo, ainda é muito comum que as crianças tenham contato com Lobato no ensino fundamental em datas como Dia do Livro, Dia do Escritor e ao realizar trabalhos sobre literatura infantil ou sobre o folclore brasileiro, portanto é inegável como o folclore ganhou popularidade graças às obras de Monteiro Lobato.

Assim é a obra de Monteiro Lobato, um verdadeiro oásis do imaginário popular brasileiro. O Sítio do Pica Pau Amarelo, por meio das figuras fantásticas e mitológicas, desperta nos leitores e telespectadores para o

que há de melhor na cultura popular brasileira, através de suas lendas, tradições, enfim, de todos os elementos que compõem seu rico folclore. (CARDOSO; SANTOS; MEIRELLES, 2019).

O mesmo pode ser dito sobre Gustavo Rosseb, autor da trilogia *As Aventuras de Tibor Lobato*, foco desta pesquisa. É preciso ter em mente que, embora tenha mais popularidade e tenha feito contribuições incríveis através de sua escrita e criatividade, Monteiro Lobato não foi o único autor a escrever sobre o folclore brasileiro. Mário de Andrade foi outro grande autor a trazer o tema à tona em seus livros. Jorge Amado, Guimarães Rosa, Aluísio Azevedo, Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector, Lima Barreto... é possível encontrar o folclore nas obras de todos esses autores e de muitos outros que não caberiam citar aqui.

Um dos grandes méritos das *Memórias de um sargento de milícias* é serem um tesouro muito rico de coisas e costumes tradicionais das vésperas da Independência. Manuel Antônio de Almeida tinha um grau elevadíssimo a bossa folclorista e estava consciente disso, pois confessa francamente no livro trazer entre as suas intenções, a de fixar costumes. A todo instante a observação folclórica é decisiva, sem falha. (ANDRADE, 2019).

Atualmente, temos também vários autores contemporâneos que utilizam o folclore em suas obras, entre eles Ana Maria Machado, Renata Ventura, Samir Machado de Machado e Gustavo Rosseb. Na literatura infantil, por meio dos gibis, destacam-se Ziraldo, com *Turma do Pererê*, e Maurício de Souza, que vem adaptando diversas lendas do folclore em sua obra. Além disso, na dramaturgia temos a série *Cidade Invisível*, lançada em 2021 e produzida pela Netflix, despertando a curiosidade de muitos brasileiros sobre seu próprio folclore e também tendo alcance internacional. Destinado ao público infantil, há o seriado de animação chamado *A Turma do Folclore*, que conta não só com episódios que adaptam lendas folclóricas, como também clipes de música infantis voltadas para o mesmo tema.

2. 2. O folclore e a cultura popular

Será que o folclore se limita a costumes e tradições apenas da geração de nossos avós, e não da nossa? Estaria o folclore morto devido a industrialização e a globalização? É claro que não. Já quanto à primeira questão, há duas perspectivas que gostaria de compartilhar.

Os processos de modernização e transformação se aprofundaram, a mídia entrou decisivamente no cotidiano das populações e, ao contrário do que supunham alguns folcloristas, o folclore não acabou. Como já diziam outros folcloristas, o folclore nasce e cresce também nas pequenas cidades e grandes centros: é dinâmico, transforma-se o tempo todo, incorporando novos elementos". (CAVALCANTI, 2002).

Nesta perspectiva, o folclore é muito mais amplo do que aparenta, e é intrínseco à sociedade em suas gerações, embora tenha se tornado mais conhecido por algumas do que outras. Segundo Guilherme Santos Neves (2008) "*O folclore liga o homem ao passado. É a tradição a cadeia, o colar, o rosário cujos elos se interligam do ontem ao hoje. Essa tradição é necessária aos povos*". Ele nos conecta a gerações passadas, a nossa origem, ao lugar em que vivemos. No entanto, o mesmo folclorista também afirma:

Podem topar-se aspectos do folclore, lembranças do folclore, projeções do folclore, até nas camadas superiores do grupo social. Tal o caso, por exemplo, das superstições, crendices e crenças, correntes em todas as escalas sociais. Da mesma forma certos folguedos infantis - a raia (papagaio), o pião, o gude, o picolê, as rodas sonoras... não escolhem lugar nem brincantes. Estão em toda parte. Logo, não apenas na capa inferior da sociedade existe folclore. Atente-se porém, para isto, e nisto insisto: é neste meio rústico, neste ambiente popular, neste clima específico, neste grupo *folk* que o folclore se cria e recria; aí é que se projeta, aí é que principalmente vive e desvive, morre e ressuscita, aí é que comumente varia e se altera, e sem, todavia, perder os traços fundamentais de sua origem. Aí é que ele realmente funciona e continua e se populariza e se coletiviza. (SANTOS NEVES, 2008).

Esta é a segunda perspectiva que gostaria de trazer. Nela, embora o folclore viva em todos os ambientes, dado que se populariza e se expande, deve-se ter em mente que seu berço é o meio rústico e é lá que ele se cria, não nos grandes centros urbanos.

E quanto à cultura popular? É comum vê-la associada ao folclore em inúmeros artigos, e até o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, fundado em 1958 com o nome Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, passou a abranger a cultura popular no nome. A confusão entre os dois conceitos é compreensível.

Na cabeça de alguns, folclore é tudo o que o homem do povo faz e reproduz como tradição. Na de outros, é só uma parte das tradições populares. Na cabeça de uns, o domínio do que é *folclore* é tão grande quanto o do que é cultura. Na de outros, por isso mesmo o folclore não existe e é melhor chamar de *cultura*, *cultura popular* o que alguns chamam de *folclore*. E, de fato, para algumas pessoas as duas palavras são

sinônimas e podem suceder-se sem problemas em um mesmo parágrafo. (BRANDÃO, 2017).

Não há consenso sobre a diferença entre os termos, alguns irão até associar os dois como tendo o mesmo significado. Ambos passaram por redefinições ao longo da história. Segundo Benjamin (2011), por muitos anos a definição de folclore no Brasil foi a estabelecida na *carta do folclore brasileiro*, adotada em 1951 no I Congresso Brasileiro de Folclore. No entanto, a carta possuía muitas ambiguidades, sendo atualizada em 1995, no VIII Congresso Brasileiro de Folclore. Ainda hoje, temos dificuldades em definir o que é o folclore.

A situação dos estudos do Folclore no Brasil ainda não é boa. Embora já apareçam, em certos centros culturais do país, tendências idealistas que se propõem a encarar o folclore respeitosamente como ciência, elas esbarram diante de dificuldades que, se não conseguem prejudicar de todo essas tendências, lhe diminuem enormemente a eficácia (ANDRADE, 2019).

Mário de Andrade morreu em 1945. Atualmente, temos uma quantidade considerável de artigos sobre o folclore brasileiro, mas ousar dizer que ainda não é o suficiente, e que o folclore permanece desconhecido pela própria população, seu conceito discutido apenas por uma pequena parcela de intelectuais, quando deveria ser conhecido por todos, e não o é devido a falta de interesse. Mesmo estudando sobre o folclore na escola, ele não nos toca, não nos marca, e nós o esquecemos rapidamente. Nós nos interessamos pela cultura alheia, mas não conhecemos a nossa própria. E o que nos gera interesse? Os livros, as séries televisivas, os filmes, os quadrinhos, as mídias. Você pode encontrar um adolescente brasileiro que conhece de cabo a rabo as mitologias grega, romana e egípcia porque lê *Percy Jackson e os Olimpianos*, *Heróis do Olimpo* e *As Crônicas dos Kane*, de Rick Riordan. Pode encontrar outro que se interessou pela mitologia nórdica devido aos filmes da Marvel, que trazem como personagens Thor e Loki, entre outros deuses nórdicos, e começou a pesquisar sobre o tema porque se sentiu instigado. Você pode encontrar um jovem que não conhece o Boitatá, uma cobra gigante de fogo que protege as florestas e os animais, mas conhece Apófis e Jormungand. Por quê? Porque só recentemente temos autores nacionais contemporâneos best-sellers que começaram a escrever sobre nosso folclore, e só recentemente temos um seriado famoso sobre o mesmo tema. É a arte que desperta nosso interesse. Não há nada

de errado em se interessar mais pelo folclore de outro país antes do nosso próprio, mas é importante conhecê-lo, é papel dos professores incentivá-lo, e escolha do artista usá-lo como fonte de inspiração, escolha esta feita por Gustavo Rosseb.

3. O OITAVO VILAREJO E A IDENTIDADE DO FOLCLORE BRASILEIRO

Nesta parte irei analisar aspectos que retratam a identidade do folclore brasileiro na obra *O Oitavo Vilarejo* e suas relações com outras obras.

3.1. Datas

Propositalmente ou não, Gustavo Rosseb transmitiu muito da sua visão sobre o folclore e a cultura popular brasileira, resultando em um sentimento forte de identificação e de familiaridade em seu público alvo. Uma das primeiras cenas a trazer tais sensações é quando os irmãos Lobato e Rurique estão sentados ao redor de uma fogueira à noite, contando histórias de assombração. Utilizam gravetos para assar batata-doce na fogueira, ao invés de marshmallows.

— A quaresma é um período de, mais ou menos, quarenta dias, em que coisas estranhas acontecem e, principalmente, por aqui. — Rurique fez uma pausa e olhou para os dois, enquanto Sátir avaliava se sua batata-doce já estava boa para comer. quando viu que tinha toda a atenção dos irmãos, o garoto continuou — Nesse ano, o período da quaresma começa no dia 17 de fevereiro... (ROSSEB, 2016)

Nesse trecho, nota-se o elemento tanto do mistério quanto do suspense, utilizados como estratégia pelo escritor para envolver o leitor e mantê-lo curioso. Ao mesmo tempo, faz com que o leitor se identifique, pois é comum ouvir histórias sobre a quaresma, principalmente se o leitor vier de uma família católica. É claro que a quaresma é praticada em outros países, não só no Brasil, pois é um período religioso muito importante para a Igreja Católica, e não exclusivo, sendo praticado também na Igreja Ortodoxa, Anglicana e Luterana, entre outras. O que quero chamar atenção, no entanto, é que o autor não está falando sobre o *halloween* ou sobre *día de los muertos*, por exemplo, mas sim sobre a quaresma *no Brasil*, e além disso, mencionando o Carnaval, a Quarta-feira de Cinzas, Sexta-feira da Paixão e o Sábado de Aleluia. Algumas destas datas são mencionadas no trecho a seguir:

— Terça-feira, dia 16. Amanhã será quarta-feira de cinza, esse é o terceiro dia que estão aqui. — disse Rurique. GLUP!, foi o som que veio da garganta de Tibor, ao engolir o refrigerante de tubaína. —... E a quaresma termina no dia 2 de abril, na Sexta-feira da Paixão. (ROSSEB, 2016)

Tudo isso se aproxima da realidade do leitor, pois são datas que, celebradas ou não, são conhecidas em nosso calendário e importantíssimas culturalmente falando.

Ademais, é um fato que a religião influencia o folclore. Muitas lendas e costumes possuem inspiração na religião, como por exemplo o ritual com o boneco de Judas, o folgado Ticumbi e a lenda do Negrinho do Pastoreio. Porém, o foco de Rosseb não é a religião. A quaresma sempre foi cenário para histórias peculiares que falam de acontecimentos fantásticos e estranhos, contadas oralmente. No livro, Rosseb utiliza a quaresma como plano de fundo para as manifestações folclóricas. Logo que o período se inicia, percebe-se que as ditas coisas estranhas que começam acontecer são aparições de personagens de lendas do folclore brasileiro.

3.2. O Saci

Outra coisa que chama atenção no livro é como Rosseb caracteriza estes personagens das lendas. Não seguirei a ordem cronológica em que estes personagens aparecem no livro e começarei pelo Saci, uma das lendas mais populares do folclore brasileiro, tão popular que tem um dia especificamente seu: dia 31 de outubro, o Dia do Saci. A escolha da data não é coincidência, pois o Dia do Saci surgiu em contraposição ao Halloween, celebrado na mesma data. Segundo Costa (2021) *“Em 2003, foi aprovada a Lei nº 2.762 (CAMARA DE DEPUTADOS) que instituiu o dia 31 de outubro, como o Dia do Saci, com o objetivo de valorizar uma das figuras da cultura do país e promover o folclore brasileiro”*. Mas como é o Saci, afinal? A imagem mais popular é a de um garoto negro que não possui uma das pernas, pula com uma perna só e utiliza uma carapuça vermelha sobre a cabeça. Segundo o *Dicionário do Folclore Brasileiro*:

Saci-Pererê, entidade maléfica em muitas, graciosa e zombeteira noutras oportunidades, comuns nos Estados do Sul. Pequeno negrinho, com uma só perna, carapuça vermelha na cabeça, que o faz encantado, ágil, astuto, amigo de fumar cachimbo, de entrançar as crinas dos animais, depois de extenuá-los em correrias, durante a noite, anuncia-se pelo assobio persistente e misterioso, inlocalizável e assombrado. (CASCUDO, 2005).

Durante a Primeira Guerra Mundial, Monteiro Lobato realizou uma pesquisa por meio do jornal *O Estado de S. Paulo*, na qual solicitava aos leitores que lhe contassem o que sabiam sobre o Saci. Ele recebeu muitos relatos de todo o país, e selecionando 74 deles, lançou em 1918 o livro *O Sacy-Perêre resultado de um*

inquérito. Em 1921, Lobato lançou *O Saci*, obra extremamente rica na qual aborda diversas lendas do folclore brasileiro. O único diferencial do Saci Lobatiano para a sua imagem já solidificada no imaginário popular brasileiro são os furos que ele possui no centro das palmas das mãos e o cheiro de enxofre. A princípio, Lobato (2016) caracteriza o Saci como “diabinho”, mas afirma através da fala do personagem Tio Barnabé: “*O saci não faz maldade grande, mas não há maldade pequenina que não faça.*” Mais uma vez, a ambiguidade do Saci. Há uma dicotomia sobre ele, um aspecto sombrio. Ora é retratado como travesso e traquinas, ora é chamado de “filho das trevas”. Um detalhe que causa estranhamento é o hábito que os sacis possuem de chupar sangue de cavalos:

— Muito bem. Faz um estribo na crina, isto é, dá uma laçada na crina do animal de modo que possa enfiar o pé e manter-se em posição de ferrar os dentes numa das veias do pescoço e chupar o sangue, como fazem os morcegos. O pobre animal assusta-se e sai pelos campos na disparada, correndo até não poder mais. O único meio de evitar isso é botar bentinho no pescoço dos animais. (LOBATO, 2016).

No entanto, apesar dessas peculiaridades, o Saci Lobatiano não apavora ninguém exceto Tia Nastácia e Dona Benta, embora nunca lhes tenha feito nada de mal. Ao longo da narrativa, percebemos que o Saci passa grande parte do livro ajudando Pedrinho, que o escravizou e o prendeu numa garrafa, em troca de sua liberdade. Demonstra grande conhecimento, tendo diálogos filosóficos com Pedrinho e lhe salvando de todos os perigos do livro. Demonstra, inclusive, empatia. Quando Pedrinho o desobedece ao olhar para Iara, o Saci o repreende por pôr a própria vida em risco e não pensar no sofrimento de seus familiares: “*Pois saiba que cometeu uma grande falta. Não devia pensar unicamente em si, mas também na pobre Dona Benta, que é tão boa, e na sua mãe e em Narizinho.*” (LOBATO, 2016, p. 175). Ao fim da história, descobrimos que o Saci deixou um raminho de miosótis sobre o travesseiro de Narizinho, a quem salvou, em um gesto amigável. A princípio, pode-se supor que toda ajuda do Saci é porque Pedrinho possui sua carapuça, mas percebemos ao longo do livro que ele não tem rancor de Pedrinho nem Narizinho por terem aprisionado-o, como demonstra através de seu último gesto a Narizinho.

Sem o Saci, Pedrinho não teria sobrevivido a noite na floresta e não teria salvo Narizinho da Cuca. É um personagem extremamente inteligente e astucioso que

torna a leitura do livro cativante. Na série televisiva, não resta nenhum resquício de assombro na figura do saci, como demonstra a imagem abaixo, em que se vê o personagem interpretado por Izak Dahora.

Figura 1 - O Saci no seriado O Sítio do Pica-Pau Amarelo



Disponível em: <<https://gshow.globo.com/tudo-mais/tv-e-famosos/noticia/dia-do-saci-relembre-atores-que-ja-interpretaram-o-personagem-do-folclore-brasileiro.ghtml>> Acesso em: 23 abr. 2022.

Em suma, o Saci demonstra grande conhecimento e o transmite a Pedrinho enquanto estão na floresta. Esta é uma característica que prevalece também no Saci de Gustavo Rosseb, que é um velho misterioso e assustador.

Os sacis levam 7 anos para nascer, depois vivem 77 anos e quando alcançam esta idade, se transformam em cogumelos venenosos ou orelhas-de-pau (LOBATO, 2016). Apesar de viver até os 77 anos, a imagem do saci no imaginário popular brasileiro é a de um menino ou adolescente. No entanto, em *O Oitavo Vilarejo* o Saci é velho. Isso causa estranhamento no leitor, e quanto mais o conhecemos ao longo da narrativa, mais percebemos quão diferente ele é da imagem popular com a qual estamos habituados.

A primeira aventura de Tibor, Sátir e Rurique é quando eles invadem o sítio vizinho que está abandonado, o sítio de Icas Pereira, que está desaparecido há quase dois anos. Icas é um anagrama para Saci, e Pereira remete a Pererê. Lá dentro, encontram não uma carapuça vermelha, mas um gorro cor de vinho, o que já dá

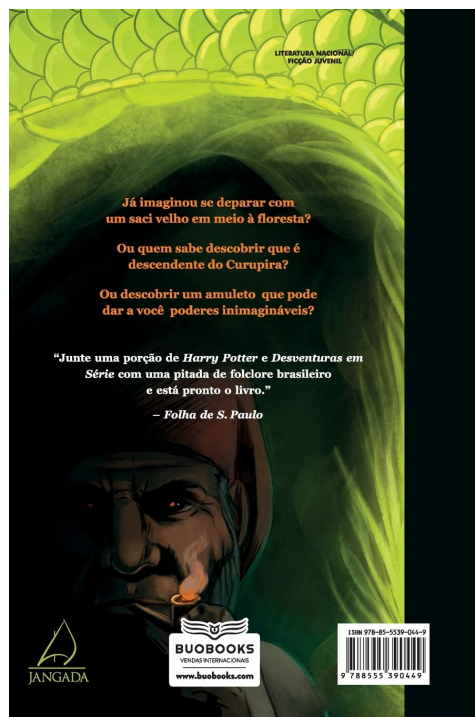
indícios de que o saci que vamos conhecer no livro não é igual ao que estamos acostumados.

— Sim! Podem achá-lo meio biruta à primeira vista, e ele pode até estar um pouco nos últimos tempos, mas não se enganem! Já está aqui por essas terras há muito tempo. Muito do que sei sobre as matas, foi ele quem me ensinou — disse Miguel (ROSSEB, 2016).

Nesta descrição percebemos uma indicação para o leitor de que o Saci não deve ser subestimado. Toda a atmosfera de mistério e suspense da história leva a uma sensação de medo e desconfiança em relação a Icas. Futuramente, descobrimos que ele foi enganado pela Cuca e ficou preso em seu lugar no Oitavo Vilarejo, que dá nome ao livro. Reside em uma cabana de bambu, utiliza o cachimbo, é velho, negro, xamã e sábio. Possui fala coloquial, como percebemos na seguinte fala: *“Robaro meus poder. Êh-êh! Uma bruxa veia. Robaro sim. E eu quero di volta!”* (ROSSEB, 2016, p. 161). Ao contrário de *O Saci*, de Monteiro Lobato, onde o Saci engana a Cuca e a prende, em *O Oitavo Vilarejo*, de Gustavo Rosseb, é a Cuca quem engana e prende Icas. No entanto, o Saci é astucioso e inteligente, e elabora um plano para se libertar, o que efetua. Ao final do livro, há um combate entre Icas e os irmãos Lobato, Rurique e Gailde. Sozinho, Icas consegue vencer todos, e os heróis só conseguem se salvar no final porque Tibor tem ajuda do Boitatá. Porém, ainda assim, Icas consegue escapar, se mostrando um personagem extremamente forte e poderoso. Isso é incrivelmente relevante, pois estamos falando de um personagem negro que possui apenas uma perna, e é um dos mais poderosos personagens da narrativa. A representatividade, consciente ou inconscientemente, permeia a obra de Rosseb.

Na contracapa do livro, é possível ver o personagem de Icas fumando cachimbo com o gorro sob a cabeça. Possui uma barba branca, e parte de seu rosto está coberta por sombras e a chama do cachimbo reflete em seus olhos, dando-lhe um aspecto misterioso.

Figura 2 - O Saci em O Oitavo Vilarejo



Disponível em: <<https://www.amazon.com.br/Oitavo-Vilarejo-Livro-Gustavo-Rosseb/dp/8555390443>>. Acesso em: 5 maio. 2022.

Assim como em *O Oitavo Vilarejo* temos lcas como anagrama para saci, em *Cidade Invisível* o Saci se chama Isac, outro anagrama. Diferentemente de todos os sacis já citados, ele é um jovem pobre que vive em uma ocupação no Rio de Janeiro. Ao invés da carapuça vermelha do saci de Lobato ou do gorro cor de vinho do de Rosseb, Isac utiliza um pano amarrado na testa, ainda vermelho, porém desbotado. As calças escondem a prótese na perna, o que transforma toda a imagem do saci. Em *O Oitavo Vilarejo*, quando o trio Tibor, Sátir e Rurique invadem a casa de lcas Pereira, o autor deixa a entender que lcas teria uma prótese também. Rosseb (2016) “No chão havia um tipo de aparato feio em bambu, que mais parecia uma perna”. Tudo isso traz uma nova perspectiva do Saci, uma versão moderna que remete tanto a inclusão (por meio da prótese) quanto a forte desigualdade (por meio da ocupação em que o personagem reside) que vivenciamos em nosso país, por intermédio de um personagem de nosso folclore.

3.3. A Cuca

A Cuca é uma das figuras mais enigmáticas de nosso folclore. Em suma, é uma bruxa feia que sequestra crianças em suas casas. Aprofundadamente, segundo o *Dicionário do Folclore Brasileiro*:

Papão feminino, fantasma informe, ente vago, ameaçador, devorando as crianças, papon. [...] Em Pernambuco significa mulher velha e feia, espécie de feiticeira, e é também o mesmo que quicuca, ticuca, rolo de mato (Garcia). Beaurepaire Rohan registra as variantes corica, curuca, corumba, das terras do Norte. A cuca paulista é em tudo semelhante ao vago *papão* luso-brasileiro, ao bicho e ao tuto de vários Estados, ao negro velho de Minas. [...] A coca e a cuca são sinônimos de pavores ou de paponas insaciáveis. Cuca é avô em *nbundo* e o trago, que se engole de uma vez, no idioma tupi. Assim, os elementos indígenas e africanos concorrem para a dispersão do mito nos elementos característicos. Cuca, ensina Teodoro Sampaio, é uma coruja. Coca serve para prefixo a um mito pertencente ao ciclo da angústia infantil português e não emigrado para o Brasil, a cocaloba, denunciando na Europa a mesma origem, agressiva e faminta. Armando Lessa, "Músico Saminheiro" (*Ocidente*, vol. V), registrou nas "monodias de berço" (acalantos) muitos versos portugueses que ainda são cantados no Brasil nas canções de embalar, citando-se o "Vai-te coca, vai-te coca, / lá em cima do telhado", e muitas alusões ao *papão* 91-92, e outras informações em Amadeu Amaral Júnior ("Superstições do povo paulista", Revista Nova, nº4, 621-623, S. Paulo, 1931). Atualmente a presença da cuca é infinitamente superior à coca semidesaparecida. Mesmo assim a cuca é apenas um elemento nas cantigas de adormecer. Não conheço exemplo da cuca européia. Parece criação convergencial do Brasil. (CASCUDO, 2005).

A cuca é então um papão feminino, velha, feia, bruxa e extremamente popular. Mesmo quem não leu *O Sítio do Pica-Pau Amarelo* ou assistiu a adaptação televisiva, certamente já ouviu a popular cantiga "*nana neném/ que a cuca vem pegar/ papai foi pra roça/ mamãe foi trabalhar*", onde a Cuca é utilizada como ameaça para que a criança durma, o que indica que ela é má e vai fazer algo de ruim com a criança que não dorme.

A tradicional cantiga brasileira *Nana neném*, de domínio público, é essencialmente uma canção de terror. A criança pequena representada pelo termo *neném* na canção, fora deixada sozinha pelos seus responsáveis, uma vez que os versos *papai foi pra roça e mamãe foi trabalhar* indicam a partida dos pais para suas respectivas responsabilidades profissionais. Essa criança seria atormentada por uma criatura mitológica retratada pela figura da Cuca², caso insistisse no ato de não dormir. (BARBOSA; SILVA, 2022).

No livro *O Saci* (2016) uma variante da letra é transcrita por Lobato: "*Durma, nenê, que a Cuca já lá vem, / Papai está na roça; mamãezinha, / No Belém.*" A cantiga possui muitas variações. É preciso, portanto, reconhecer seu alcance popular. Ainda

que o leitor não possua a bagagem do seriado televisivo Sítio do Pica-pau Amarelo, dos livros de Lobato ou da série Cidade Invisível, será extremamente raro que ele não tenha tido contato com a lenda da Cuca através da cantiga.

Há ainda a canção *A Cuca Te Pega*, trilha sonora do seriado televisivo *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, composta por Dori Caymmi e Geraldo Casé. Sua versão mais famosa, no entanto, é a cantada por Cássia Eller. Em ambas as músicas, tanto em *Nana Neném* e suas variações quanto em *A Cuca Te Pega*, a mensagem é clara: a Cuca vem pegar alguém e ela deve ser temida. Graças a Lobato, a lenda da Cuca se tornou popular e é conhecida em todo país. Em sua escrita, ele perpetua na personagem o elemento do medo e do mistério. No livro *O Saci*, ela é descrita da seguinte forma:

Súbito, ao dobrarem uma curva, viram lá num canto a rainha. Estava sentada diante duma fogueira, de modo que a claridade das chamas permitia que as "folhagens" lhe vissem a carantonha em toda a sua horrível feiúra. Que bicha! Tinha cara de jacaré e garras nos dedos como os gaviões, Quanto à idade, devia andar para mais de três mil anos. Era velha como o Tempo. (LOBATO, 2016).

Chama atenção a escolha lexical de Lobato nesse trecho quando utiliza o termo “rainha” para descrever a bruxa. A Cuca lobatiana é poderosa e antiga, e sua aparência assustadora é de uma velha feia com cara de jacaré. Porém, não há menção a aparência de jacaré na descrição de Narizinho a respeito de seu encontro com a bruxa: “*De repente, uma velha muito velha e coroca, aproximou-se de mim com um sorriso muito feio na cara.*” (LOBATO, 2016, p. 184). A ilustração feita por Jean Gabriel Villin na seguinte figura deixa claro que não há nenhum aspecto reptiliano na personagem durante o encontro das duas.

Figura 3 - Cuca e Narizinho



Fonte: O Saci, Monteiro Lobato. 2016, p.185.

Isso significa que a Cuca pode mudar de aparência. Quando Pedrinho e o Saci a encontram na caverna onde a bruxa reside, tanto a ilustração quanto a descrição feita pelo autor trazem a tona a aparência semelhante a um jacaré, mas quando encontra Narizinho para enganá-la e transformá-la em pedra, Cuca usa a aparência de uma idosa.

No seriado televisivo, a aparência de jacaré é intensificada. Ao ler, mesmo com as características impostas pelo autor, temos escopo para imaginação, mas a adaptação televisiva não permite tal coisa. Lá, a imagem da Cuca muda de acordo com as versões que são feitas ao longo dos anos, mas sempre é um jacaré com cabelos longos, às vezes de vestido e às vezes não. Ela é infantilizada e todas as suas tentativas de praticar o mal resultam em fracasso.

Figura 4 - A Cuca no seriado O Sítio do Pica-Pau Amarelo



Disponível em: <<https://gshow.globo.com/tv/rapidinhas/noticia/cuca-vira-meme-internacional-8-coisas-que-os-gringos-precisam-saber-sobre-ela.ghml>>. Acesso em: 16 de abr. 2022.

Na série Cidade Invisível, a Cuca se chama Inês e é uma mulher atraente que utiliza vestimentas escuras. Ao contrário do seriado Sítio do Pica-Pau Amarelo, sua imagem está relacionada não a um jacaré, mas a borboletas. Misteriosa e poderosa, características também presentes na Cuca Lobatiana, Inês ressignifica a imagem da bruxa brasileira.

Figura 5 - A Cuca em Cidade Invisível



Disponível em: <<https://www.uol.com.br/splash/noticias/2021/02/21/a-cuca-vem-pegar-fas-de-cidade-invisivel-estao-a-fim-e-negrini-reage.htm>>. Acesso em: 16 de abr. 2022.

Há ligações entre Inês e a Cuca no seriado Sítio do Pica-Pau Amarelo. O escritório de Inês no bar lembra a uma caverna, e ela possui um caldeirão pequeno onde faz

suas poções. Além disso, a famosa cantiga *Nana neném* é cantada pela personagem na série como um encantamento que faz as pessoas adormecerem.

A grande mudança visível na adaptação da personagem foi, de fato, o físico da mesma. A bruxa que lembra um réptil, sendo esta a imagem base que temos dessa lenda do folclore brasileiro na imaginação, precisou representar ainda essa entidade que usufrui de poderes, mas como uma velha feiticeira humana para ser incluída na narrativa, igualmente como os demais personagens folclóricos dos quais contracenam durante os acontecimentos da série, sendo o aspecto da feitiçaria o complemento para descobrir quem Inês seria de fato. Assim, vemos que o principal símbolo dela é o caldeirão, mas sem deixar de lado que a narrativa nos leva a perceber também que Inês na verdade é a Cuca. (POLIDORO, 2021).

A Cuca de Rosseb, no entanto, difere da versão moderna de *Cidade Invisível*. Não é atraente, nem está relacionada simbolicamente a borboletas. Sua personalidade não deixa dúvida ou ambiguidade: ela é má, é a vilã do livro e suas ações são completamente malignas. Aqui, a Cuca é uma bruxa assustadora e vingativa que manipula todos ao seu redor para ter o que quer. Embora não apareça no primeiro livro da trilogia, que é o foco desta pesquisa, sua presença no livro é marcante, um mal iminente que está por trás das ações de personagens manipulados por ela, como Icas Pereira, por exemplo, e por meio da fala de outros personagens. “Era uma velha asquerosa, com o rosto enrugado e olhos negros. Alguns diziam que lembrava muito um jacaré, por causa das rugas que a deixavam medonha.” (ROSSEB, 2016, p. 81). Nota-se na descrição semelhanças com a Cuca lobatiana, como nas características “velha” e “lembrava muito um jacaré”, mas Rosseb se distancia da imagem infantilizada conhecida pelo seriado televisivo ao dizer que esse último detalhe era a opinião de alguns e que isso se devia às rugas. Ela não é um jacaré, mas o fato de sua aparência lembrar a um, a torna mais estranha e assustadora.

Plantações apodreciam misteriosamente; galinheiros, celeiros e currais eram devastados; casas iam abaixo, pessoas sumiam, fora os envenenamentos. Muita gente adoecia e acaba morrendo, e tudo isso se intensificava na época da quaresma. (ROSSEB, 2016).

Revoltados, um grupo de pessoas, vítimas desses feitos da Cuca, decidiu procurá-la na floresta em busca de vingança, mas não a encontraram e ao retornarem para casa, seus filhos, desde crianças, bebês e adolescentes, haviam desaparecido. Isso nos leva de volta a cantiga *Nana Neném*, onde a Cuca vem pegar crianças que não

querem dormir. Em *O Oitavo Vilarejo*, não sabemos se as crianças estavam dormindo ou não, apenas que são levadas e não retornam mais para seus pais. Ora são descritas como espíritos, fantasmas, ora como trasgos. E o que acontece com as crianças que são levadas? Na cantiga *Nana Neném*, não há como saber. Em *O Saci*, Narizinho, uma criança, procura por Pedrinho quando desaparece por volta de três horas da tarde e é transformada em pedra pela Cuca. Em *O Oitavo Vilarejo*, as crianças são transformadas em trasgos, fantasmas que aparecem durante a quaresma e querem voltar para suas famílias, mas não conseguem. Esta com certeza é a versão mais obscura das três. Ela condiz com a cantiga, preenchendo as lacunas de mistério do que a Cuca fará com o neném quando o pegar, e na obra de Rosseb, é algo de fato horrível.

3.4. O Curupira

Popularmente, o Curupira é um menino ou homem de cabelos vermelhos e pés virados para trás, que protege as florestas e faz com que caçadores se percam, confundindo-os. No entanto, o Curupira é uma das figuras mais controversas do folclore brasileiro. Ora o descrevem como protetor, ora como aterrorizante. O registro mais antigo feito sobre si foi escrito pelo padre José de Anchieta, em 1560. Câmara Cascudo inclui o relato no *Dicionário do Folclore Brasileiro*:

É coisa sabida e pela boca de todos corre que há certos demônios e que os brasis chamam corupira, que acometem aos índios muitas vezes no mato, dão-lhe açoites, machucam-nos e matam-nos. São testemunhas disto os nossos irmãos, que viram algumas vezes os mortos por eles. Por isso, costumam os índios deixar em certo caminho, que por ásperas brenhas vai ter ao interior das terras, no cume da mais alta montanha, quando por cá passam, penas de ave, abanadores, flechas e outras coisas semelhantes, como uma espécie de oblação, rogando fervorosamente aos coropiras que não lhes faça mal. (ANCHIETA *apud* CASCUDO, 2005, p. 332)

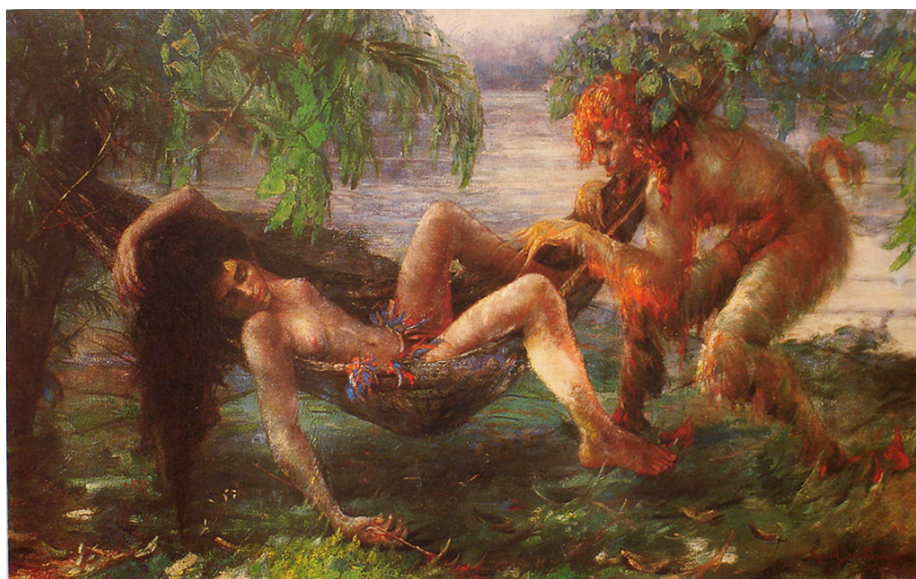
A descrição de Anchieta é completamente oposta a do protetor da floresta que conhecemos, que engana os caçadores e faz com que se percam mata adentro. Nesta descrição, nos surpreendemos ao encontrar um curupira cruel e assassino, temido pelos índios, vítimas dele. Chama atenção que Anchieta se refere a esse ser no plural, não no singular. Ou seja: existem vários curupiras, não apenas um. Mas Cascudo inclui informações e descrições de várias fontes na seção sobre a criatura

em seu Dicionário do Folclore Brasileiro. Outras que chamam atenção são as seguintes:

Barbosa Rodrigues compendiou as modificações somáticas do Curupira amazônico e paraense. Tem quatro palmos de altura em Santarém; é calvo, com o corpo cabeludo, no rio Negro; sem orifícios para as secreções, no Pará; com dentes azuis ou verdes e orelhudo, no rio Solimões, sempre com os pés para trás e de prodigiosa força física, engana caçadores e viajantes, fazendo-os perder o rumo certo, transviando-os dentro da floresta, com assobios e sinais falsos [...] (CASCUDO, 2005)

Percebe-se neste trecho um Curupira multifacetado. É descrito de diferentes formas em variadas regiões. Sabe-se que o Curupira possui versões até em outros países, como Paraguai e Argentina, mas não é objetivo deste artigo se estender a elas. Atualmente, a imagem que perpetuou-se no Brasil é a de um ser protetor que só pune aqueles que entram na floresta com objetivos malignos e caçam animais sob interesses não de se alimentar.

Figura 6 - O Curupira, de Manoel Santiago

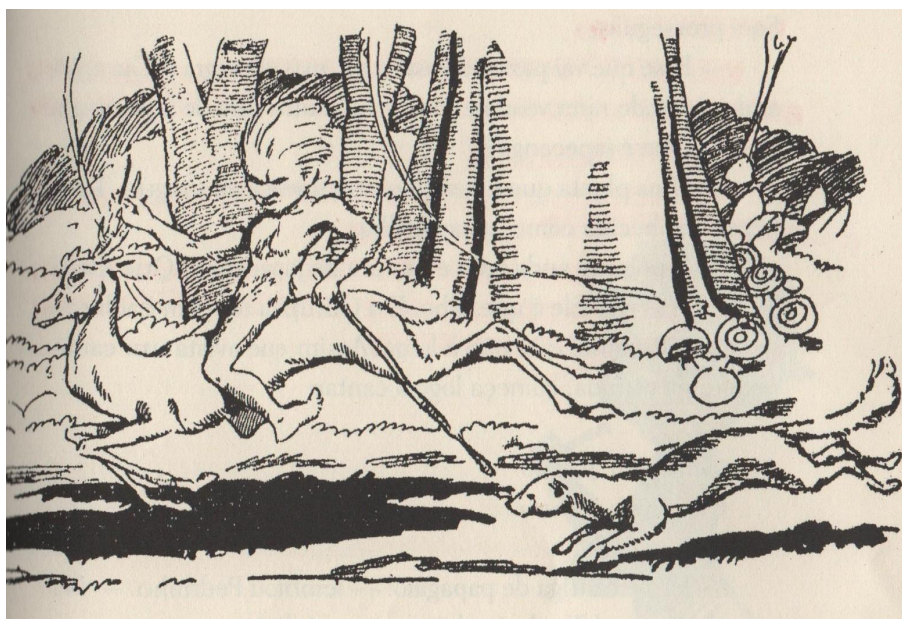


Fonte: SANTIAGO, Manoel. **O Curupira**. 1926. Pintura, óleo sobre tela, 96 x 157 cm.

No quadro acima, pintado por Manoel Santiago em 1926, nota-se um Curupira animalesco. É extremamente peludo, possui rabo e cabelos vermelhos. Ainda é possível notar traços humanos em seu rosto. É diferente da imagem já formada no imaginário popular brasileiro. Lobato o descreve da seguinte forma: “É um menino peludo que toma conta da caça nas florestas. Só admite que os caçadores cacem para comer.” (LOBATO, 2016, p. 105-106). O Curupira lobatiano, como se pode ver

na figura 7, é um menino, não um homem. É peludo, também, mas não possui um rabo. Se aproxima mais da figura de menino do que a de animal. Costuma montar um veado, traz na mão uma vara de japecanga e possui um cachorro chamado Papamel. Quando Pedrinho pergunta ao Saci de que maneira o Curupira persegue os caçadores, no entanto, ele revela um lado vingativo: “Uma das maneiras é disfarçar-se em caça e ir iludindo o caçador até que ele se perca no mato e morra de fome. Outra maneira é transformar em caça os amigos, os filhos ou a mulher do caçador de modo que sejam mortos por ele mesmo.” (LOBATO, 2016, p. 106). Ao invés da crueldade para com os índios, como escreveu Anchieta, a crueldade do Curupira Lobatiano é voltada para os caçadores que praticam o mal na floresta, tornando-o, de certa forma, uma espécie de justiceiro. Nesse sentido, parecido com o Boitatá, outro protetor da floresta.

Figura 7 - Curupira Lobatiano



Fonte: O Saci, Monteiro Lobato. 2016, p.105.

Em Cidade Invisível, não é tão diferente. O Curupira ainda é o protetor das matas, mas está distante, e se chama Iberê. Vive na mesma ocupação que Isac, o Saci, que inclusive o ajuda, dando-lhe comida. Embora o Curupira apareça no começo da temporada, nós só descobrimos que ele e Iberê são a mesma pessoa ao final da série, pois Iberê vive disfarçado em uma cadeira de rodas, coberto de fuligem e com diversas sacolas de plástico amarradas em suas roupas. Quando se transforma, os

cabelos pegam fogo, e percebemos que ele está extremamente ligado a este elemento, pois a cadeira de rodas fica em chamas também.

Figura 8 - O Curupira em Cidade Invisível



Disponível em: <<https://pimenta.blog.br/2021/02/09/ator-ilheense-fabio-lago-da-vida-ao-curupira-em-nova-serie-da-netflix/>>. Acesso em: 26 de jun. 2022.

Em *O Oitavo Vilarejo*, o Curupira não aparece. Sua aparição se dá somente no último livro da trilogia, *A Carruagem da Morte*. No entanto, assim como a Cuca, sua presença se torna marcante através da fala de outros personagens, como a de Gailde, filha do Curupira, avô de Tibor Sátir:

O meu pai era um protetor da natureza, sempre foi! E meu filho, Leonel Lobato, além de ter puxado o avô, casou-se com uma mulher que tinha as mesmas características que ele. Meu pai já tinha virado lenda bem antes de eu nascer e seus feitos são contados até hoje, em diversos lugares, no país inteiro. A maioria o conhece como... Curupira! (ROSSEB, 2016).

Prevalece a imagem do Curupira como protetor da natureza. O Curupira justo que só faz mal aos caçadores gananciosos, muito semelhante à versão popularizada a que estamos acostumados, exceto por um detalhe: este Curupira é avô. Não é um menino, nem um jovem. Assim como o Saci, ele já possui uma idade avançada para a qual estamos habituados a vê-lo.

Se ele tinha os pés para trás como contam? Tinha. Era um defeito de nascença que acabou virando sua maior arma contra os caçadores e aqueles que derrubavam árvores e destruíam as florestas. Ele fazia com que essas pessoas se perdessem, deixando trilhas que levavam para o meio do mato, de onde era difícil achar o caminho de volta. Como suas pegadas eram ao contrário, quando as pessoas as seguiam, os malfeitores

iam parar no coração da floresta e lá aprendiam a lição. Mas não era só assim que ele defendia as matas. (ROSSEB, 2016).

O fato de ter os pés para trás deixa de ser uma característica que o torna místico para uma justificativa ficcionalmente humana. Gailde, porém, abre possibilidades para o misticismo ao afirmar que o Curupira também defendia as matas de outras formas. Sabemos que ele é padraсто da Cuca e da Pisadeira, irmãs de Gailde por parte de mãe. E é, ele, somente ele, quem consegue aprisionar a Cuca em *Oitavo Vilarejo*, tamanho seu poder.

4. ENTREVISTANDO GUSTAVO ROSSEB

A entrevista ocorreu por meio do google forms. O autor do livro, Gustavo Rosseb, sempre se mostrou prestativo e empolgado com a pesquisa. Chamarei o entrevistador de **J** e o entrevistado de **G**.

J - Como aconteceu seu primeiro contato com o folclore brasileiro? Em que período da vida esse interesse surgiu? Houve estímulo na escola, através da família ou de outra maneira (mídia)?

G - Não consigo me lembrar do primeiro contato, mas sempre fui apaixonado pelas histórias que meus avós contavam. Ambos de Minas Gerais, traziam uma porção de causos da roça que me deixavam fascinado e ao mesmo tempo morrendo de medo. Minha mãe também costumava ler alguns contos de folclore em casa. Não me recordo de ter tido algo do tipo na escola. Mas com certeza sim. É que as histórias que eu escutava tinham pitadinhas de horror e terror, portanto, eu acabava não me identificando muito com o sítio do pica pau amarelo na TV. Apesar de entender perfeitamente a comparação direta que existe, à título de referência, com meus livros.

J - Por que escolheu o folclore brasileiro como plano de fundo para sua obra?

G - Sou um artista. Trabalho hoje com cinema, música e literatura. Geralmente, a gente repara nos detalhes. Naquilo que ninguém está vendo. E a gente observa e acaba confessando o que viu para a sociedade. Eu, sempre apaixonado por nosso folclore, percebi que muitos dos livros que líamos por aqui abordavam lendas e mitologias e histórias de fora. Eu achava que estava faltando um dedinho tupiniquim nisso tudo. Eu queria encontrar um livro que fosse ao estilo Harry Potter, Percy Jackson, Jogos Vorazes, só que fosse nosso. Sempre digo, como pode uma escola de magia e bruxaria tão perfeita como Hogwarts não ter um brigadeiro? O Harry Potter não conhece pão de queijo. Eles comemoram os feitos na escola bebendo suco de abóbora (tô fazendo uma careta aqui, pois esse negócio deve ser ruim pra caramba - prefiro um caldo de cana 🤔). Então, como não encontrei um livro assim, que a gente pudesse se ver por inteiro nele, resolvi escrever.

J - Como foi o processo de pesquisa para a construção dos aspectos folclóricos do romance? Sabemos que como o inquérito de Lobato sobre *O Saci*, você também investigou lendas em várias regiões do país.

G - Pois é. Investiguei e acho que sempre investigarei. Eu viajei por 10 anos pelo Brasil em busca de causos. Conversando com pessoas mais velhas, pedindo pra que me contassem, fui a museus, fui a festas típicas folclóricas. Juntando peças aqui e ali. Fiz isso pra conhecer aquilo que não chega mais pra nós. Versões diferentes de personagens que a gente já tem familiaridade como o Saci, Curupira, Boitatá, Mula sem cabeça, boto cor de rosa, etc. E também fui atrás de personagens que já caíram em desuso como Bradador, Gorjala, Porca dos sete leitões, João Pestana, Pisadeira e tantos outros. Quando visito escolas, peço para os alunos enumerarem os personagens que eles conhecem. Suando frio, conseguem chegar nuns 12 a 17 personagens. Dentro dos livros já publicados eu apresento mais de 100 personagens do nosso folclore. Isso mostra que nós, brasileiros, não sabemos nada da nossa própria cultura. Cada vô e vó que se vai, leva consigo uma infinidade de histórias que a gente não dá mais ouvidos. É importante sim curtir o que chega por aí de Star Wars, Marvel, Stranger Things, mas é importante a gente conhecer nossa própria história. Saber nossa própria raiz. Um povo que não sabe quem é está perdidinho da Silva.

J - De que maneira você acredita que a leitura de *Oitavo Vilarejo* em sala de aula pode acrescentar na formação acadêmico-cultural do estudante?

G - Os livros da série iniciada com *O Oitavo Vilarejo* são um resgate da nossa cultura e uma modernização do nosso folclore para uma linguagem mais atual. Portanto, esse conhecimento do nosso folclore vem embalado numa roupagem mais dentro da cultura pop de hoje. Eu sou nerd. Amo tudo o que a cultura nerd proporciona. Quando resolvi escrever Tibor Lobato, eu quis trazer nossa cultura em um formato mais acessível. E, por trabalhar bastante com o cinema e com a publicidade, a linguagem utilizada nos livros é quase "visual", o que permite àqueles alunos que dizem a célebre frase "eu não gosto de ler", a descobrir aí uma porta para a literatura. Não à toa, esses livros são adotados em diversas escolas do

país como primeira leitura. Pois incentiva o jovem a mergulhar no universo das palavras de um jeito divertido. Tive um professor de português que costumava colocar uma frase famosa em toda a prova que ele aplicava em sala de aula "o livro não muda o mundo. O livro muda a pessoa e a pessoa muda o mundo". Acredito demais nisso. Venho de uma geração de não leitores. E vejo o quão prejudicial isso foi para os novos tempos. Sou engajado em dar o meu melhor para que novos leitores possam surgir nesse mundo. Que possam encontrar em meus livros um local seguro para se divertir e para refletir sobre o seu entorno. E, que saiam das aventuras de Tibor Lobato carregando inspiração pra ser e fazer aquilo que o coração pedir. Costumo dizer que a intuição é a língua do coração. Precisamos saber ouvir e também ter repertório para saber atender os pedidos do coração. Se seguirmos nosso coração, com certeza mais que absoluta, o mundo se torna um lugar melhor.

Nota-se, na entrevista, a preocupação do autor em trazer a cultura brasileira para sua obra e a importância que ele dá ao nosso folclore. Esperamos que a leitura desta entrevista aproxime o leitor do autor, e que auxilie o professor quando este for falar sobre o autor para seus alunos.

Como o próprio Gustavo Rosseb diz na entrevista "Não à toa, esses livros são adotados em diversas escolas do país como primeira leitura. Pois incentivam o jovem a mergulhar no universo das palavras de um jeito divertido". A leitura de *Oitavo Vilarejo* costuma ser adotada como primeira leitura nas escolas porque faz com que o aluno tenha divertimento enquanto lê, ou seja: o aluno tem mais facilidade de imersão e acaba esquecendo que a leitura é uma obrigação, que estão estudando enquanto leem o livro. No site da trilogia (<https://www.tiborlobato.com.br/tibor-nas-escolas>) há uma página chamada *Tibor nas Escolas*, que mostra algumas das experiências do autor visitando escolas que adotaram o livro e com indicações dos temas a serem trabalhados em variadas disciplinas e até sugestões de atividades para que os professores realizem com os alunos após a leitura.

Outro item que chama atenção na entrevista é quando o autor diz “Cada vó e vó que se vai, leva consigo uma infinidade de histórias que a gente não dá mais ouvidos”. É de suma importância que incentivemos nossos alunos a dedicarem parte da pesquisa a perguntar e ouvir os avós ou outros familiares e conhecidos de idade mais avançada, pois uma das características do folclore é a transmissão oral. É bom que tenhamos autores, como Gustavo Rosseb, que resgatem e escrevam sobre o nosso folclore, pois assim ele se perpetua e mais gerações podem conhecê-lo. Por isso, os trabalhos que os alunos irão realizar para obtenção da nota, como veremos no próximo capítulo, devem ser baseados em três tipos de pesquisa: a internet, o livro *O Oitavo Vilarejo*, e pesquisa a seus avós ou conhecidos de idade mais avançada sobre as lendas que lhes serão dadas como temas.

5. O OITAVO VILAREJO NA SALA DE AULA: UMA PROPOSTA

A segunda edição do livro *O Oitavo Vilarejo*, publicado em 2016, possui ao todo 223 páginas. Possui ainda um bônus intitulado *Contos de Dona Mirta*, que contém algumas histórias contadas de uma avó para a neta. Se contarmos a partir da primeira página do primeiro capítulo (página 7) até a última página do último capítulo antes do bônus (página 209), totalizam-se 203 páginas, sem contar os versos em brancos deixados ocasionalmente antes de um novo capítulo. Um professor de português, no ensino regular comum, costuma ter em média mais de uma aula por semana com a mesma turma. No ensino integral, como no modelo de ensino da Escola Viva do estado do Espírito Santo, este número é ainda maior. A proposta didática desta pesquisa é pensada para alunos do nono ano do ensino fundamental II, embora possa ser adaptada para o Ensino Médio. O objetivo é que o professor utilize apenas uma aula por semana para o projeto, e a outra para os demais conteúdos que ele esteja ministrando dentro da disciplina.

5. 1. Alternativa A

A leitura será dividida em etapas. Uma parte será cumprida por meio da leitura compartilhada, a tertúlia, e a outra por meio da leitura silenciosa.

Etapas A: introdução

Primeiramente, o professor(a) deve instigar os alunos à leitura, a fim de que fiquem curiosos em lerem o livro na sala de aula. *“Para que uma história realmente prenda a atenção de uma criança, deve entretê-la e despertar a sua curiosidade.”* (BETTELHEIM, 2020). Portanto, propõe-se que antes de falar do livro, o professor faça um mapa mental no quadro reunindo tudo o que os alunos sabem sobre o folclore brasileiro, desde o nome de uma lenda como, por exemplo, a Mula Sem-Cabeça, a filmes, seriados, festas típicas e costumes, entre outras coisas. O professor precisa escrever a primeira palavra do mapa mental para demonstrar e explicar como será feito. Ele pode optar entre os alunos irem um por um ao quadro e escrever eles próprios a palavra, ou pode lhes perguntar e ele mesmo transcrever

para o quadro. A medida que os alunos escolhem algo para colocar no mapa mental, o professor deve pedir que o aluno discorra sobre sua escolha. Por exemplo, caso o aluno escolha o Curupira, o professor deve perguntar o que o aluno sabe sobre a lenda da criatura folclórica, e se alguém da turma quer acrescentar algum detalhe que não foi mencionado, ou se conhece uma versão diferente de sua lenda.

Após o mapa mental, o professor precisa contextualizar os alunos sobre o conceito de folclore. Explicar tanto o que é o folclore (tópico já discutido na revisão de literatura, ver página 13), quanto sua abrangência e importância. Logo após a explicação do professor, ele deve mostrar a capa do livro e indagar aos alunos sobre o que eles imaginam que se trata a história ao observar a ilustração tanto da capa quanto da contracapa. Depois das especulações dos alunos, o professor permite que o livro transite de mão em mão para que os alunos possam tocá-lo e observá-lo de perto. Enquanto o livro transita de mão em mão, um vídeo é exibido por meio de slides. Neste momento, o professor lê para os alunos a entrevista feita com Gustavo Rosseb, localizada na página 34 deste trabalho. Por fim, quando o livro retorna às mãos do professor, ele exibe dois vídeos. O primeiro é o vídeo intitulado de Fuga desses livros - Tibor Lobato, que pode ser encontrado no seguinte link:

 **FUJA DESSES LIVROS - TIBOR LOBATO** .

(<https://www.youtube.com/watch?v=4yiQamdF-tM&t=3s>). O segundo é o booktrailer do livro, com roteiro do próprio Gustavo Rosseb, que pode ser encontrado no seguinte link:

 **Book Trailer - A Odisseia de Tibor Lobato**

(<https://www.youtube.com/watch?v=hBHRUdtYm1M&t=2s>). Todos os vídeos e atividades estão disponíveis na página do padlet criada por esta autora com o objetivo de facilitar a aplicação do projeto de leitura aos professores: (<https://padlet.com/janiscamargohelmer/1xp7u8rnuvzq8ogy>). A página só pode ser acessada mediante link.

Ainda ao final da aula, o professor deve escrever os nomes dos temas dos trabalhos no quadro e pedir que os alunos retornem na aula seguinte com os grupos formados para o sorteio. Cada grupo deverá ter três integrantes.

Etapa B: Capítulo um

Nesta etapa, os alunos iniciaram a leitura de *O Oitavo Vilejejo*. A leitura será dividida em leitura silenciosa e em tertúlia, onde os alunos colocam as cadeiras em círculo e todos leem um pouco. Antes que a leitura comece, o professor precisa deixar claro como se dará o sistema avaliativo. Nossa sugestão é que seja um trabalho valendo cinco pontos (5,0), uma prova valendo dez pontos (10,0) e os cinco pontos (5,0) restantes serão distribuídos de acordo com a participação do aluno na leitura em voz alta durante a tertúlia, as discussões sobre a leitura e a entrega de todas as fichas, totalizando assim vinte pontos (20,0). No entanto, os trabalhos (5,0), a participação e a entrega das fichas (0,5) devem ser apresentados/entregues no segundo trimestre, de modo que o primeiro trimestre tenha apenas a prova como método avaliativo. O restante da nota será destinado a outro conteúdo que o professor ministra durante as outras aulas da semana, dentro da disciplina. O professor pode adaptar esse sistema de distribuição de pontos de acordo com seu critério e realidade escolar.

A respeito da participação, é importante ressaltar que o aluno pode se recusar a ler durante a tertúlia e também a participar durante as discussões sobre o livro. O professor deve incentivá-lo, mas caso o aluno insista na recusa, sugerimos que o professor prossiga passando a vez para o aluno seguinte. É importante, portanto, que os alunos tenham consciência dos pontos de participação e do que precisam fazer para recebê-los.

Nesta aula, com os alunos em círculo, será feita a leitura compartilhada, iniciada pelo professor, da página 7 até a 22, que inclui o primeiro capítulo: *Chegada ao sítio*. Após a leitura, o professor deve questionar os alunos sobre a leitura. Ele pode e deve elaborar perguntas de acordo com sua observação do que envolveu ou despertou a curiosidade dos alunos durante a leitura, e também deve pedir que os alunos elaborem as próprias perguntas. Seguem-se alguns exemplos que podem ser utilizados ou adaptados pelo professor:

Pergunta 1: O que você sabe sobre os ciganos e sua cultura?

Pergunta 2: Entre os alimentos citados, vocês gostam de algum, ou não gostam?

“Havia de tudo naquela mesa. Quatro tipos de bolo: milho, fubá, cenoura e chocolate. Café, achocolatado, chá. Tibor reparou que o leite era espesso e gorduroso, diferente do que estava acostumado a tomar” (ROSSEB, 2016, p. 13).

Pergunta 3: Você já foi a um sítio?

Pergunta 4: Você já bebeu leite de vaca? O que achou dele?

Pergunta 5: Por que Raul despediu-se tão apressadamente dos irmãos Lobato e de Gailde?

Pergunta 6: Quais podem ser os contratempos que Gailde teve e que a impediram de continuar a busca pelos netos?

Pergunta 7: O que vai acontecer com Tibor e Sátir agora?

O professor deve separar alguns minutos restantes da aula para o sorteio dos temas dos trabalhos, que são os seguintes:

1. O autor, Gustavo Rosseb;
2. Linguagem coloquial e preconceito linguístico;
3. Mula Sem-Cabeça;
4. Boitatá;
5. Curupira;
6. Saci;
7. Pisadeira;
8. Porca dos sete leitões;
9. Lobisomem;
10. Cuca.

Os grupos que foram sorteados com criaturas folclóricas devem ter três fontes de pesquisa para o trabalho: a pesquisa pela internet, a pesquisa por meio do livro *O Oitavo Vilarejo*, e a pesquisa feita em família, perguntando aos avós ou pais o que sabem sobre as criaturas folclóricas.

Etapa C: Capítulos dois e três

Ainda no início da aula, antes de começarem a leitura, deve ser feito o sorteio com as funções de cada aluno para a roda de leitura da aula seguinte.

Seguindo as sugestões de Daniels (2002) citadas por Cosson (2014) no livro *Círculos de leitura e letramento literário*:

- a) Conector - Liga a obra ou o trecho lido com a vida, com o momento;
 - b) Questionador - Prepara perguntas sobre a obra para os colegas, normalmente de cunho analítico, tal como por que os personagens agem desse jeito? Qual o sentido deste ou daquele acontecimento?
 - c) Iluminador de passagens - Escolhe uma passagem para explicitar ao grupo, seja porque é bonita, porque é difícil de ser entendida ou porque é essencial para a compreensão do texto;
 - d) Ilustrador - Traz imagens para ilustrar o texto;
 - e) Dicionarista - Escolhe palavras consideradas difíceis ou relevantes para a leitura do texto;
 - f) Sintetizador - Sumariza o texto;
 - g) Pesquisador - Busca informações contextuais que são relevantes para o texto;
 - h) Cenógrafo - Descreve principais cenas;
 - i) Perfilador - Traça um perfil das personagens mais interessantes.
- (DANIELS, 2002 *apud* COSSON, 2014, p. 142-143).

As funções serão sorteadas pelo professor, e serão realizadas pelos alunos na etapa E. Na etapa E, o professor realizará ao longo das leituras anteriores todas as funções para que os alunos possam observar e entender como deverão exercê-las na sua vez.

No restante da aula, ainda utilizando-se da tertúlia, com os alunos em círculo, é feita a leitura da página 23 até a 46, que incluem os capítulos *Assombrações e celulares* e *O gorro*. Após a leitura, o professor deve questionar os alunos sobre os capítulos. O professor pode e deve elaborar perguntas de acordo com suas observações do que envolveu ou despertou a curiosidade dos alunos durante a leitura dos capítulos, e é interessante também pedir aos alunos que elaborem suas próprias perguntas. A seguir, as perguntas sugeridas para que o professor utilize para a condução da discussão pós-leitura:

Pergunta 1: O que você mais gostou e/ou menos gostou nos capítulos?

Pergunta 2: O que você sabe sobre a quaresma?

Nesta parte, cabe ao professor contextualizar os alunos sobre o que é a quaresma após ouvir suas respostas.

Pergunta 3: Qual ou quais criaturas folclóricas você identificou durante a leitura?

Pergunta 4: O que você sabe sobre ela ou elas?

Pergunta 5: Na sua opinião, quem pode ser a velha e o que ela quer?

Pergunta 6: Na sua opinião, por que o sítio do velho Pereira está abandonado? Por que o velho Pereira desapareceu?

Pergunta 7: Você conseguiria ficar sem celular por tanto tempo como Tibor e Sátir?

Pergunta 8: O que você acha que vai acontecer no próximo capítulo?

Etapa D: Capítulo quatro

Nesta etapa, os alunos farão a leitura silenciosa, com cada um em sua respectiva carteira. O capítulo se chama *É tempo de quaresma*. Inicia-se na página 47 e termina na 62. Após a leitura, os alunos deverão preencher a ficha de leitura (apêndice B e C). Há um modelo com ilustrações, para o caso de a escola disponibilizar a impressão com tinta colorida, e um modelo neutro, para o caso de a escola só disponibilizar a impressão em preto e branco. Os alunos que terminarem a leitura rapidamente podem começar a responder a ficha ainda na aula e terminar em casa, mas o prazo de entrega será até a aula seguinte.

Etapa E: Roda de conversa

O professor exemplifica mais uma vez todas as funções citadas na etapa anterior para esclarecer dúvidas, ao final, os alunos leem suas fichas e debatem. Esta aula também é dedicada à contextualização por parte do professor sobre a quarta-feira de cinzas, citada no capítulo anterior. Ele deve, inicialmente, perguntar aos alunos o que conhecem sobre essa datas, e somente então complementar ou corrigir as

informações dadas.

Etapa F: Capítulo cinco

Os alunos fazem a leitura silenciosa do capítulo cinco que intitula-se *Perdidos na mata*. Ele se inicia na página 63 e termina na 74. Após a leitura, segue-se o mesmo processo de responder a ficha de leitura para entregar na aula seguinte.

Etapa G: Roda de conversa

Os alunos formam o círculo, leem suas fichas de leitura e comentam sobre o capítulo. A seguir, os alunos selecionados coordenam a discussão exercendo suas respectivas funções sorteadas, é preciso estabelecer um tempo mínimo e máximo para cada grupo/função, caso o tempo da aula não seja suficiente para todas as funções, deve-se dividi-lo em duas aulas ou ajustar o tempo máximo para cada grupo. Para a etapa M, os alunos podem trocar de funções entre si.

É importante ressaltar que não basta só que o professor demonstre o modo como deve ser feito, mas que ele converse com os grupos para auxiliá-los em caso de dúvida ou insegurança.

O professor deverá se reunir separadamente com cada grupo, revisando as anotações para cada função e sanando as possíveis dúvidas dos alunos quanto à obra lida. Se este for o primeiro círculo de leitura no qual os alunos participam, é fundamental auxiliar a segurança e confiança dos alunos para a primeira exposição, para que não seja para eles mais uma atividade frustrante de leitura. (LEÃO; SOUZA, 2015)

E ele deve permitir que os alunos selecionados, caso optem, possam trocar as funções entre si.

Etapa H: Capítulo seis

Os alunos retornam para a tertúlia. Como da outra vez, o professor é o primeiro a ler, e os alunos se dividem em parágrafos. O capítulo se chama *A bruxa desaparecida*,

começa na página 75 e termina na 87. É importante pontuar que os alunos não precisam preencher a ficha de leitura, pois ela é específica apenas para as leituras silenciosas. Após a leitura, o professor deve questionar os alunos sobre a leitura. Ele pode e deve elaborar perguntas de acordo com sua observação do que envolveu ou despertou a curiosidade dos alunos durante a leitura, e também deve pedir aos alunos que elaborem suas próprias perguntas: A seguir, além das perguntas usuais que têm sido feitas a cada novo capítulo, sugerimos também estas para este capítulo:

Pergunta 1: O que você achou da bruxa?

Pergunta 2: Como você imagina o avô de Tibor e Sátir, ser poderoso que enfrentou a bruxa?

Pergunta 3: Que poderes você acha que ele tinha?

Pergunta 4: O que você acha que vai acontecer no próximo capítulo?

Pergunta 5: O *Oitavo Vilarejo* possui alguma semelhança com outras obras (filmes, séries, livros, quadrinhos) que você conhece? Você pode relacioná-los?

A seguir, os alunos selecionados coordenam a discussão exercendo suas respectivas funções sorteadas.

Etapa I: Capítulo sete

O capítulo intitulado *O moinho dos trasgos* começa na página 89 e termina na página 101. Os alunos farão novamente a leitura silenciosa e ao fim, devem preencher novamente a ficha de leitura.

Etapa J: Roda de conversa

O professor exemplifica mais uma vez todas as funções citadas na etapa anterior para esclarecer dúvidas, ao final, os alunos leem suas fichas e debatem.

Etapa K: Capítulo oito

A tertúlia é retomada. Os alunos formarão um círculo com as carteiras e farão a leitura compartilhada. O capítulo intitulado *O Muiraquitã* se inicia na página 103 e termina na página 117. Após a leitura, o professor deve questionar os alunos sobre a leitura. Ele pode e deve elaborar perguntas de acordo com sua observação do que envolveu ou despertou a curiosidade dos alunos durante a leitura, e também deve pedir aos alunos que elaborem suas próprias perguntas: A seguir, além das perguntas usuais que têm sido feitas a cada novo capítulo, sugerimos também estas para este capítulo:

Pergunta 1: Quem vocês imaginam que é o melhor amigo do Curupira e por que tramou a armadilha para ele?

Pergunta 2: O que vocês acham da Cuca agora? Já a conheciam? Ela é igual a versão que conheciam?

Pergunta 3: O que você faria se tivesse um muiraquitã?

Pergunta 4: O que você acha que vai acontecer no próximo capítulo?

Pergunta 5: Você se identificou com algum personagem? Qual e por que?

A seguir, os alunos selecionados coordenam a discussão exercendo suas respectivas funções sorteadas.

Etapa L: Capítulo nove

Os alunos realizam a leitura silenciosa do capítulo nove, que se intitula *O sonho de Tibor*. O capítulo inicia-se na página 117 e termina na página 130. Ao final da leitura, devem preencher a ficha de leitura e é feito um novo sorteio de funções para a etapa M.

Etapa M: Roda de conversa

Os alunos formam o círculo, leem suas fichas de leitura e debatem sobre o capítulo. Os alunos selecionados coordenam a discussão, exercendo suas respectivas funções.

Etapa N: Capítulo dez

Os alunos retomam a tertúlia. Eles formam um círculo com as carteiras e fazem a leitura compartilhada. O capítulo intitulado *Prenúncio de morte* se inicia na página 131 e termina na página 143. Após a leitura, o professor deve questionar os alunos sobre a leitura. Ele pode e deve elaborar perguntas de acordo com sua observação do que envolveu ou despertou a curiosidade dos alunos durante a leitura, e também deve pedir aos alunos que elaborem suas próprias perguntas: A seguir, além das perguntas usuais que têm sido feitas a cada novo capítulo, sugerimos também estas para este capítulo:

Pergunta 1: Na sua opinião, qual é a doença misteriosa de Málabu?

Pergunta 2: O que vocês acham de Miguel Torquado? Quais parecem ser as suas intenções?

Pergunta 3: Ele diz a verdade?

A seguir, os alunos sorteados coordenarão a discussão sobre o capítulo, exercendo suas respectivas funções.

Etapa O: Capítulo onze

Os alunos realizam a leitura silenciosa do capítulo onze, que se intitula *Du avessu*. O capítulo inicia-se na página 145 e termina na página 154. Ao final da leitura, devem preencher a ficha de leitura e é feita nova troca de funções para a roda de conversa da etapa P.

Etapa P: Roda de conversa

Os alunos formam um círculo com as carteiras, leem suas fichas de leitura e debatem sobre o capítulo. A seguir, os alunos encarregados coordenarão a discussão sobre o capítulo, exercendo suas respectivas funções. Ao final da aula, é feita mais uma troca de funções para a etapa Q.

Etapa Q: Capítulo doze

Os alunos retomam a tertúlia. Eles formam um círculo com as carteiras e fazem a leitura compartilhada. O capítulo intitulado *Seu Icas* se inicia na página 155 e termina na página 166. Após a leitura, o professor deve questionar os alunos sobre a leitura. Ele pode e deve elaborar perguntas de acordo com sua observação do que envolveu ou despertou a curiosidade dos alunos durante a leitura, e também deve pedir aos alunos que elaborem suas próprias perguntas: A seguir, além das perguntas usuais que têm sido feitas a cada novo capítulo, sugerimos também estas para este capítulo:

Pergunta 1: Que poderes Seu Icas tinha e por que a bruxa os escondeu?

Pergunta 2: Quem você suspeita ser o Lobisomem?

Pergunta 3: Você passaria a noite na cabana de Seu Icas?

A seguir, os alunos sorteados coordenarão a discussão sobre o capítulo, exercendo suas respectivas funções.

Etapa R: Capítulo treze

Os alunos realizam a leitura silenciosa do capítulo treze, que se intitula *Rapto a galope*. O capítulo inicia-se na página 167 e termina na página 177. Ao final da leitura, devem preencher a ficha de leitura e é feito o novo sorteio para a etapa S.

Etapa S: Roda de conversa

Os alunos formam um círculo com as carteiras, leem suas fichas de leitura e debatem sobre o capítulo. Nesta etapa, o professor precisa reler ou pedir a um aluno que releia o seguinte trecho, que se localiza na página 169:

– Perceberam o sotaque esquisito que ele tinha? – perguntou Sátir.
 – Minha nossa! Quase pedi que ele calasse a boca – soltou Rurique. – Mas de vez em quando ele dava medo, não acham?! Ainda bem que estamos longe de lá – disse o menino, ficando mais sério. – Não volto ali tão cedo. Isso, se um dia voltar. (ROSSEB, 2016)

A seguir, o professor pergunta aos alunos que sotaque era esse. Ele deve pedir a um aluno que revise a página 161, do capítulo Seu Icas, e releia o seguinte trecho da fala de seu Icas: “– Êh-êh! Ocê sabe quem é, num sabe? Ela escondeu meus poder de mim. Quero di volta, mas num posso tê!” (ROSSEB, 2016).

O professor, então, deve indagar aos alunos se conhecem alguém com a fala semelhante a do personagem, como por exemplo usar um mesmo termo. Ele deve indagar aos alunos se assim como Sátir, teriam estranhado o modo de falar de seu Icas, por não estarem habituados a ouvir. Cabe também ao professor explicar aos alunos que é comum estranharmos quando encontramos alguém com um sotaque diferente do nosso, mas que não devemos rir ou fazer chacota. Claramente nenhum personagem do livro fez chacota de Seu Icas por seu léxico, e que Rurique ficou incomodado, mas é importante que o professor utilize esses trechos para explicar o que é o preconceito linguístico e a linguagem coloquial, utilizada por Rosseb no livro, e a importância de encontrá-la em livros, pois é um retrato de nossa cultura.

A seguir, os alunos sorteados coordenarão a discussão sobre o capítulo, exercendo suas respectivas funções. Ao final da aula, é feito o novo sorteio para a etapa T.

Etapa T: Capítulo quatorze

Os alunos retomam a tertúlia. Eles formam um círculo com as carteiras e fazem a leitura compartilhada. O capítulo intitulado *O oitavo vilarejo* se inicia na página 179 e termina na página 190. Após a leitura, o professor deve questionar os alunos sobre a

leitura. Ele pode e deve elaborar perguntas de acordo com sua observação do que envolveu ou despertou a curiosidade dos alunos durante a leitura, e também deve pedir aos alunos que elaborem suas próprias perguntas: A seguir, além das perguntas usuais que têm sido feitas a cada novo capítulo, sugerimos também estas para este capítulo:

Pergunta 1: Você iria até o Oitavo Vilarejo para salvar sua avó? Miguel merece ser perdoado?

Pergunta 2: O que você pensa a respeito de seu Icas agora? As suas expectativas foram atendidas ou não?

Pergunta 3: O que você faria no lugar de Tibor e Sátir agora? Como eles podem salvar Gailde?

A seguir, os alunos sorteados coordenarão a discussão sobre o capítulo, exercendo suas respectivas funções.

Etapa U: capítulo quinze

Os alunos realizam a leitura silenciosa do capítulo onze, que se intitula *Boitatá*. O capítulo inicia-se na página 191 e termina na página 200. Ao final da leitura, devem preencher a ficha de leitura e é feito o novo sorteio para a etapa V.

Etapa V: Roda de conversa

Os alunos formam um círculo com as carteiras, leem suas fichas de leitura e debatem sobre o capítulo. A seguir, os alunos sorteados coordenarão a discussão sobre o capítulo, exercendo suas respectivas funções. Ainda no final da aula, é feito o sorteio para a etapa W.

Etapa W: capítulo dezesseis

Os alunos retomam a tertúlia. Eles formam um círculo com as carteiras e fazem a

leitura compartilhada pela última vez. O capítulo intitulado *Dia de Aleluia* se inicia na página 201 e termina na página 209. Após a leitura, o professor deve questionar os alunos sobre a leitura. Ele pode e deve elaborar perguntas de acordo com sua observação do que envolveu ou despertou a curiosidade dos alunos durante a leitura, e também deve pedir aos alunos que elaborem suas próprias perguntas: A seguir, além das perguntas usuais que têm sido feitas a cada novo capítulo, sugerimos também estas para este capítulo:

Pergunta 1: O que vocês sabem sobre o Dia de Aleluia?

Nesta parte, cabe ao professor complementar as respostas dos alunos e explicar resumidamente o que é o Dia de Aleluia.

Pergunta 2: O que vocês pensam a respeito da morte do Curupira agora?

Pergunta 3: A Cuca e o Saci irão retornar? O que será da família Lobato agora?

Pergunta 4: Qual é a sua criatura folclórica favorita em todo o livro?

Pergunta 5: Você gostou ou não gostou do livro? Comente o que mais gostou, o que menos gostou, e o que imagina para o segundo volume.

A seguir, os alunos sorteados coordenarão a discussão sobre o capítulo, exercendo suas respectivas funções. Os alunos devem ainda levar para casa a ficha de análise do personagem, onde o aluno escolhe o personagem de quem mais gostou (apêndice D) e a ficha do relatório final da leitura (apêndice E), onde há um espaço destinado para que o professor registre a nota total de participação dos alunos durante o projeto, o que inclui a leitura durante a tertúlia, os comentários pós-tertúlia e a entrega das fichas de leitura preenchidas. Estas fichas, assim como as fichas regulares de leitura (5,0), deverá ser entregue ao final do segundo trimestre, juntamente com a apresentação dos trabalhos (5,0) totalizando assim dez pontos.

5.2. Alternativa B

Uma variação do modelo proposto é que haja uma mudança a partir da etapa L, onde se inicia a leitura do capítulo nove. Ao invés da leitura silenciosa e do preenchimento da ficha em sala de aula, os alunos deverão realizar ambas as tarefas em casa. Deste modo, a partir da etapa L, todas as aulas destinadas à leitura silenciosa e ao preenchimento da ficha seriam eliminadas e substituídas pelas aulas de roda de conversa e tertúlia, adiantando o processo de leitura. É importante ressaltar que o professor pode adaptar o modelo de acordo com sua realidade e necessidade escolar.

5.3. Os trabalhos

Calculo que a cada aula, dois trios podem se apresentar. A princípio, o tempo destinado a cada apresentação pode ser entre 15 a 20 minutos, mas isto pode ser adaptado pelo professor de acordo com sua observação do desempenho dos alunos. É importante ressaltar que a apresentação dos trabalhos e a entrega de todas as fichas deve ser no trimestre seguinte, tanto para que os alunos tenham tempo de se preparar, tanto. Cada grupo deve produzir um marca-página baseado no seu tema, inclusive o primeiro e o segundo grupo. É recomendado que utilizem a plataforma Canva para criarem o design, mas não é obrigatório. O marca-página precisa conter a imagem ou ilustração do seu tema (exceção para o grupo 2) e uma curiosidade ou citação sobre ele. O professor pode disponibilizar aulas na informática para a elaboração do design, e deve mostrar o exemplo contido nos apêndices (apêndice A). Após as apresentações, os alunos farão uma votação anônima para decidir qual foi o melhor trabalho. Por fim, deve ser dada a prova, a ser elaborada pelo professor.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura é um hábito que carece extremamente de incentivo em nosso país. A alfabetização e o letramento são apenas o começo árduo da jornada do leitor. As escolas públicas, principalmente, são as que mais precisam desse incentivo. Fui aluna da rede pública, e meu interesse pela leitura foi gerado por influência de adaptações cinematográficas de livros, mas só se tornou hábito graças à minha mãe, que o apoiou e o financiou. Quantas crianças e adolescentes têm a mesma sorte de ter pais que apoiem tal hábito?

Por isso, a proposta de leitura do livro, todas as atividades e etapas foram projetadas e pensadas para a escola pública, com preocupação extra na realização e no incentivo da leitura, mas pode ser aplicado nas escolas particulares também. O principal foco da proposta, no entanto, é resgatar nosso folclore. *Recontá-lo*. Para que possamos ter uma compreensão maior de todas as manifestações artísticas em que o folclore se encontra, que isso acrescente em nossa identidade cultural e nacional. Para que as futuras gerações também o conheçam e assim, consequentemente, possam repassar as histórias aos seus filhos e netos. Que nosso folclore não seja esquecido, mas seja transmitido, e que isso possibilite aos alunos aprender mais sobre a própria cultura e a cultura de seus avós e bisavós e assim por diante.

7. REFERÊNCIAS

ADVERSI, Jean Carlos Costa. **“Mugatix”**: um estudo sobre a criação de mundos de fantasia. 2020. 31 f. TCC (Graduação em Letras Português-Inglês). Saberes, Vitória, 2020. BENJAMIN, Roberto, CONCEITO DE FOLCLORE, Unicamp, 2011.

ANDRADE, Mário. **Aspectos do folclore brasileiro**. 1 ed. São Paulo: Global Editora, 2019. CARDOSO, Cleomara Almeida; SANTOS, Cristianne dos; MEIRELLES, Cláudia de Souza Cardoso. **A relação entre o folclore e literatura infantil na obra de Monteiro Lobato**. 2019. 14 f. UniCEUB, Brasília, 2019.

BENJAMIN, Roberto. Conceito de folclore. Disponível em: Acesso em: 23 abr. 2022.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 39ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

BRANDÃO, Rodrigues Carlos. **O que é folclore**. 13 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994. (coleção primeiros passos 60).

Cadernos de História da Educação, v.21, p. 1-15, e074, 2022.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 10. ed. Rio de Janeiro: Edioro, 1954. (Coleção Terra Brasilis).

CARDOSO, Cleomara Almeida; SANTOS, Cristianne dos; MEIRELLES, Cláudia de Souza Cardoso. **A relação entre o folclore e literatura infantil na obra de Monteiro Lobato**. 2019. 14 f. UniCEUB, Brasília, 2019.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Entendendo o folclore e a cultura popular**. Rio de Janeiro, março de 2002. Texto produzido especialmente para o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular.

COSTA. Clarissa Marina. **HALLOWEEN DO SACI: PROPOSTA PARA O RESGATE DO FOLCLORE BRASILEIRO**. 74 f. Trabalho de Conclusão de Curso de Tecnólogo em Eventos. Faculdade de Tecnologia de Jundiaí - “Deputado Ary Fossen”. Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. Jundiaí. 2022.

COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto,

2014.

LEÃO, Cleonice de Moraes Evangelista & SOUZA, Dalma Flávia Barros Guimarães de. Letramento literário em círculos de leitura na escola. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, n. 21, jul.-dez. 2015. p.427-441. Disponível em: < <http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num21/estudos/Palimpsesto21estudos06.pdf> >. Acesso em: 30. 06. 22. ISSN: 1809-3507

LOBATO, Monteiro. **O Saci**. 3 ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **Metodologia científica**: um manual para a realização de pesquisas em Administração. Catalão: UFG, 2011.

POLIDORO, Laura. **Adaptação visual da literatura às narrativas seriadas**: análise estética e semiótica de personagens folclóricos na série Cidade Invisível. Orientadora: Flóra Simon da Silva. 2021. 139 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social, habilitação em Publicidade e Propaganda, Universidade de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/9394/TCC%20Laura%20Garbin%20Polidoro.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 23 abr. 2022.

ROSSEB, Gustavo. **O Oitavo Vilarejo**. 2 ed. São Paulo: Jangada, 2016.

SANTOS NEVES, Guilherme. **Coletânea de estudos e registros do folclore capixaba**. Org. e ed. Reinaldo Santos Neves. Vitória: Cultural-ES, 2008. Patrocínio: MINC / Lei Rouanet – Patrocínio: Petrobras.

8. APÊNDICES

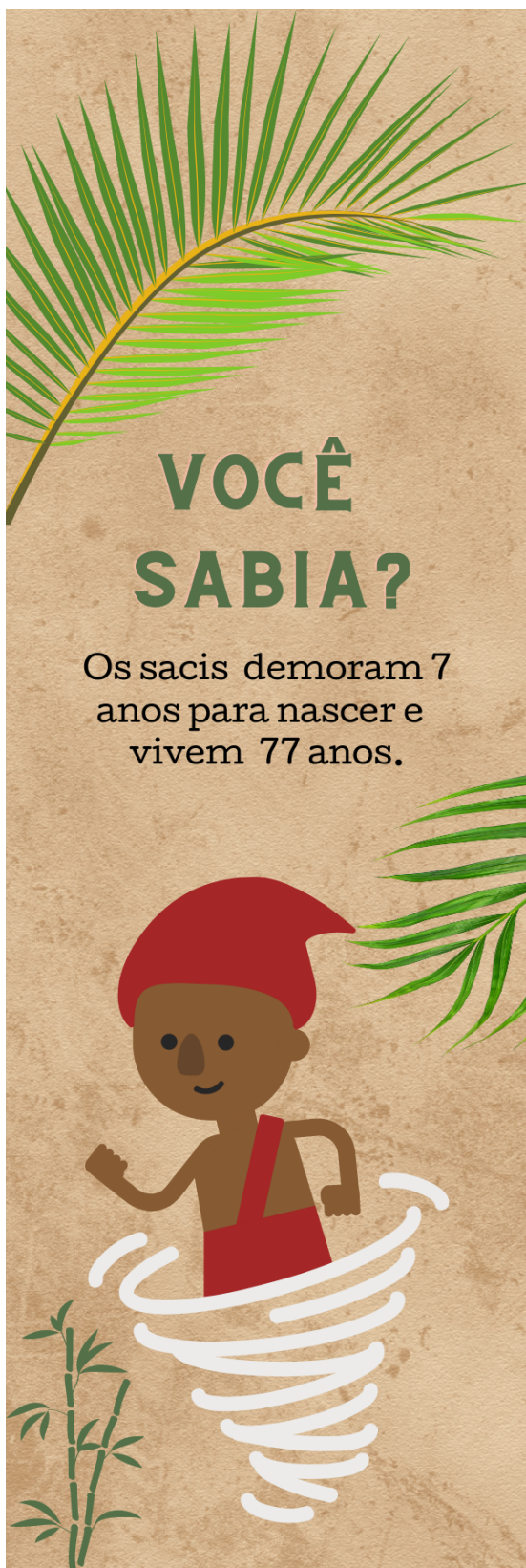
Todos os arquivos também estão disponíveis em uma pasta do Padlet para que os professores possam baixá-los e terem uma melhor impressão. A pasta só pode ser acessada mediante o link:

<https://padlet.com/janiscamargohelmer/1xp7u8rnuvzq8ogy>

E por meio do seguinte QR code:



Apêndice A: Marca-página



Apêndice B: Ficha de leitura - modelo colorido



FICHA DE LEITURA: O OITAVO VILAREJO, DE GUSTAVO ROSSEB.

Aluno(a): _____

Capítulo: _____

O que você mais gostou e/ou menos gostou no capítulo?



O que você acha que vai acontecer no próximo capítulo?

Qual ou quais criaturas folclóricas você identificou durante a leitura?
Discorra sobre o que você sabe sobre elas agora, o que já sabia antes e o que encontrou caso tenha optado por pesquisar.



Eu classifico este capítulo:



Apêndice C: Ficha de leitura - modelo neutro

FICHA DE LEITURA: O OITAVO VILAREJO, DE GUSTAVO ROSSEB.

Aluno(a): _____

Capítulo: _____

O que você mais gostou e/ou menos gostou no capítulo?

O que você acha que vai acontecer no próximo capítulo?

Qual ou quais criaturas folclóricas você identificou durante a leitura? Discorra sobre o que você sabe sobre elas agora, o que já sabia antes e o que encontrou caso tenha optado por pesquisar.

Eu classifico este capítulo: 

Apêndice D: Análise do personagem

ANÁLISE DO PERSONAGEM

Aluno(a): _____.

Personagem: _____.



O motivo da escolha do personagem:

Descreva a personalidade do personagem:

Quais são as ações do personagem?

Discorra sobre a evolução ou regressão do personagem ao longo da narrativa:

Apêndice E: Relatório final da leitura

RELATÓRIO FINAL DA LEITURA

NOTA:_____.



Aluno(a):_____.

Livro: _____.

Autor: _____.

Personagens principais:

Enredo:

Ambientação/cenários:

Conflitos:

Temas:

O que mais gostei na história:
